

## VOZES DOCENTES: EXPERIÊNCIAS DE SI E ORALIDADE

### TEACHING VOICES: SELF EXPERIENCES AND ORALITY

100

Felipe Gustsack<sup>1</sup>, Paula Lemos Silveira<sup>2</sup>, Ieda Cassuli Bianchini<sup>3</sup>, Vaneza Silva da Rosa<sup>4</sup>.

**Resumo:** Vozes de experiências a partir da oralidade no curso de escrita criativa vivido por um grupo de professores é o tema deste estudo, que tem por objetivo compreender as experiências dessa oralidade a partir das narrativas de si. Deste modo, a problemática apresenta-se com a seguinte questão: Como as vozes destes professores produzem experiências de oralidade no curso de escrita criativa? Este estudo tem como ponto de confluência experiências vivenciadas por um grupo de participantes de um curso de Extensão sobre Escrita Criativa, constituído por professores e doutorandas da Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Educação da UNISC. Trata-se de um estudo qualitativo que investiga as narrativas desses participantes enquanto composições sonoras. A partir deste estudo, entende-se que através das narrativas de si afloram vozes da docência que potencializam os discursos no entrelaçamento do emocionar com o linguajar.

**Palavras-chave:** Vozes. Docência. Escrita criativa. Oralidade.

**Abstract:** *Voices of experiences from orality in the creative writing course by a group of teachers is the theme of this study, which aims to understand the experiences of orality from the narratives of the self. Thus, the problem is presented from the following question: How do the voices of these teachers produce experiences in orality in the creative writing course? This study has as a point of confluence experiences lived by teachers, students, participants of a Creative Writing Extension course at UNISC, and also doctoral students of the Master's and Doctorate in Education Graduate Programs. It is a qualitative study, from their narratives they produced sound compositions. Thus, we understand that through self-narratives we perceive the power of discourses in the intertwining of emotion and language.*

**Keywords:** *Teaching, Reading, Orality*

<sup>1</sup> Orientador, Doutor em Educação. E-mail: fegus@unisc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1488669422124537>

<sup>2</sup> Bacharel em Informática, Mestre em Educação. E-mail: paulalsilveira@mx2.unisc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8483155229482252>

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação. E-mail: bianchini1@mx2.unisc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2119524975520260>

<sup>4</sup> Graduada em Educação Especial. Mestre em Educação. E-mail: vsrosa@mx2.unisc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3442036268443429>

## INTRODUÇÃO

O ser humano se inventa na percepção da própria experiência. Neste sentido, este estudo, tem como ponto de partida experiências vivenciadas por professores, pertencentes ao programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Educação-UNISC, com enfoque principal na oralidade.

A partir de nossas narrativas no curso de escrita criativa, percebemos a necessidade de nos reinventar. Pois, a forma como vínhamos construindo nossa oralidade e escrita já não respondia às nossas inquietações e angústias.

Neste percurso, a escrita se constituiu pela composição de nossas próprias vozes e na singularidade dos nossos tons e timbres, que emergiram dos sons de nossa própria oralidade.

A problemática desta ação partiu da investigação a respeito de como as vozes destes professores produzem sentidos na oralidade? O ponto de confluência deste estudo, são as narrativas de experiências de quatro professores, de um curso de Extensão de Escrita Criativa, doutorandas do programa de Pós- Graduação Mestrado e Doutorado em Educação-UNISC. A partir de nossas vozes as composições sonoras foram expressando a maneira como nós narramos nossos percursos quanto à escolha das palavras: vida, amizade, espiritualidade. Afinal, através da leitura viajamos e nos colocamos no lugar dos personagens e com os quais, e conosco mesmos, empatizamos.

O estudo caracteriza-se como qualitativo, tendo por base de análise as narrativas desse grupo de quatro professores sobre as suas experiências na oficina de escrita criativa. Através das emergências de sentidos da oralidade que foram nos tornando mais sensíveis para apreender e conhecer melhor a nós mesmos, sentimos a necessidade de uma ação docente voltada para o desenvolvimento da oralidade, porque percebemos que tais experiências contribuem para uma práxis pedagógica mais criativa.

A leitura para qualquer pessoa envolve seu corpo inteiro e sobretudo a imaginação, com a qual realizamos a oralidade. Ou seja, vivemos personagens, sejam eles reais ou imaginários, podemos viajar para qualquer lugar, parar e seguir em frente, pois não há restrição quando esta ação se utiliza da subjetividade que é como a leitura de cartas e de textos poéticos vão nos configurando. Assim, as leituras como experiências singulares, produzem diferentes sentidos, constituindo relações de si para consigo mesmo, em um tempo e lugar em que {...} “o vivido toma múltiplas formas” (BRANCHER; OLIVEIRA, 2017,p.31).

Nesta multiplicidade interpretativa, os diferentes modos de leitura se exteriorizam na expressividade das vozes, em suas intensidades vocais, produzindo a oralidade, que também manifesta-se na linguagem corporal. Como exemplo, a leitura em voz alta faz com que aumente a concentração, trazendo aprendizados, os quais podem contribuir para a vida como um todo.

Além dos benefícios acima arrolados, a tecnologia também foi nossa aliada sendo que através do *Google meet* ou até de grupos no *Whatsapp* pudemos exercitar a leitura, umas para as outras, considerando que a leitura em voz alta potencializou a concentração, ampliação do vocabulário e adensamento da compreensão. A partir disso,nos divertimos. Essa experiência fez com que pudéssemos exercitar o corpo, perceber e mudar a entonação da voz, e quase sem perceber melhoramos as nossas habilidades de escuta, de compreensão e também da própria leitura. Foram encontros produtivos, significativos e de grande aprendizagem, superando as nossas expectativas.

Assim, percebemos a potência dos discursos das vozes no entrelaçamento do emocionar e do linguajar do grupo. As narrativas e as escutas de si foram fundamentais para produzir um olhar sensível e criativo dos modos como vínhamos escrevendo.

## NARRATIVAS DE NOSSAS EXPERIÊNCIAS

Nos trajetos das nossas singularidades, fomos afetadas por diferentes experiências no curso de escrita criativa. Os afetos, produziram singularidades sentidas no acontecimento ao desconhecido, como menciona Larrosa (2011) algo que não se pode ver, inquietudes que não se podem compreender, pois se constituem numa relação de si para consigo mesma.

Assim, nos modos da nossa personalidade e profissionalização criamos nossos trajetos que nos permitem compor as vozes das nossas experiências no curso de escrita criativa nos reinventando e isso nos remete à reflexão de que estamos sempre nos complexificando o que Atlan (1992) define como auto-organização e complexificação de si.

Nessa perspectiva percebemos em nossas experiências que a leitura em voz alta no curso de extensão de escrita criativa foi de muita aprendizagem e movimentos interpretativos desafiadores que segundo Hernandez (2017) desejamos que minha voz ou nossas vozes subam às montanhas e desçam à terra e troveje e perguntem para nossas gargantas de agora em diante, desde sempre. Por isso, tem grande validade pensar:

"Que mi voz suba a los montes  
y baje a la tierra y truene.  
Eso pide mi garganta  
desde ahora y  
desde siempre".  
(HERNÁNDEZ, 2017).

Para Jean (2011, p. 165), a voz alta do leitor está ligada à respiração, ao fôlego, à articulação clara dos sons dos fonemas que se quer ler, e esse desafio nos coloca diante de mudanças, exigindo adequações na fala. A oralização da escrita aumenta a percepção de quem somos na exata relação com o tema/assunto que buscamos compreender, contribuindo para uma futura escrita mais criativa e poética uma vez que aumenta o poder de concentração.

Neste movimento de conhecer-aprender, aprender-conhecer, segundo Varela, Thompson e Rosch (1993) vamos nos dando conta de que nunca seremos sujeitos

prontos, acabados, e que ao longo de nossas vidas estamos permanentemente nos acoplando com o contexto e produzindo autoconhecimento. Ou seja, a *autopoiesis* e o acoplamento estrutural, que segundo Maturana e Varela (1980), nada mais são do que o próprio processo de modulação constante entre organismo e meio ao longo da vida. Para Maturana e Varela (1980) a *autopoiesis* tem o significado de autoprodução. O ser humano vai se inventando quando se auto-organiza de forma autônoma e ao longo do seu próprio processo de viver-conhecer.

Com base nisso, ao longo dos encontros do curso de escrita criativa, percebemos nossos processos autopoieticos a partir das emergências provocadas pelas narrativas no devir das experiências. Esse acontecimento para nós significa o autoencontro, segundo uma concepção complexa, no próprio processo de constituição de si e do mundo, com evidências de mecanismos auto-organizadores.

Dessa forma, as narrativas foram ferramentas fundamentais para perceber que escrever de forma criativa exige de nós e em nós um olhar sensível, que ultrapassa os modos como vínhamos escrevendo ou lendo. Com isso, sentimos a potência das vozes humanas que soam, recitam, que cantam entre graves e agudos, no entrelaçamento do emocionar e do linguajar. Segundo Jean (2011, p. 167) projetamos a palavra para o exterior e para os outros, sendo que a mesma tende a possibilitar movimentos interpretativos que se constituem nesse permanente equilibrar-se-desequilibrar-se para o que é necessário ouvir-se. A leitura em voz alta, contribui para a compreensão daquilo que é lido segundo Jean (2011, p.167). Para o autor, assim como a recitação, ao focalizar o olhar, a audição e a voz na articulação, constituímos uma maneira maravilhosa de compreendermos aquilo que se lê, aquilo que se recita.

Sendo assim, buscamos identificar as aproximações e distanciamentos de nossas falas, trazendo nossas percepções através da oralidade de várias maneiras: gritos audíveis, respiração, entonação, oralidades através de trocas afetivas, aprendizados. Além disso, o silêncio também nos fala.

Neste sentido a leitura e a oratória, voltadas para área da Educação e o trabalho docente, estabelecem um diálogo entre os pares destacando contribuições para a

discussão:

A poesia está em todos os lugares e em todos os momentos de nossas vidas. Nada é linear. Vivemos no fluxo. Seguindo essa lógica, a tecnologia como ferramenta e as mídias digitais se revelaram como recursos versáteis que possibilitam o exercício da oralidade e da escrita, viabilizando a fusão de linguagens verbais, visuais e sonoras em uma criação artística. Buscamos, dessa maneira, enfatizar as possibilidades pedagógicas do gênero poético, considerando que assimilamos através das palavras assim traduzindo-o, mas, no entanto, a subjetividade é inerente ao vivido e como indivíduos, nos tornamos seres conscientes daquela experiência, das nossas impressões pessoais, sentimentos, sensações, sentidos, emoções, de tudo aquilo que nos perpassa.

No entanto, defendemos a ideia de que os professores podem proporcionar momentos de inspiração através da leitura e da oralidade de diferentes textos, e especialmente da poesia, que ao ser publicada em uma rede social pode proporcionar interações, podendo ser modificada como um convite ao hábito da leitura.

Outro ponto importante de contribuição da leitura e da oralidade é que ao lermos enriquecemos o nosso vocabulário pois nos familiarizamos com palavras desconhecidas, colaborando também para a pronúncia correta de palavras difíceis. Ou seja, na medida em que a oralidade melhora a pronúncia de palavras difíceis, auxilia no aperfeiçoamento da compreensão oral, na interpretação de texto, na escrita e na aquisição de uma certa autoconfiança. Enquanto se fala se ouve e com isso aprimoramos nossa pronúncia como um percurso de aprendizagem. Nesse sentido, a leitura proporciona diversão uma vez que ao lermos para nossos pares – histórias infantis, piadas, cartas, principalmente as de amor – nós estamos lhes oportunizando viver esta ação como um acontecimento alegre, um *hobby*.

Quando nos expressamos através da leitura em voz alta, segundo Jean (2011, p. 191) o corpo posto em movimento não obedece normas, todo nosso corpo fala, podendo nossa voz soar mais atraente, mais expressiva, mais entonada, mais animada, sendo que cada leitor adapta seu corpo ao ler, considerando algumas

variáveis como o texto, o público, as circunstâncias e os locais de leitura (JEAN, 2011, p. 191).

Nos trajetos das nossas singularidades a leitura em voz expressou mímicas faciais, movimentos das mãos, nossos sentidos foram afetados por diferentes experiências na interpretação dos sons da escrita. Neste sentido, na dimensão dos afetos, a singularidade não foi sinônimo do individual ou particular. Ela pode ser pensada como acontecimento do que nos era ainda desconhecido; do que não sabíamos, nem podíamos, sequer representar nem compreender (LARROSA, 2011.p.17-18). Assim, nos modos da nossa personalidade e profissionalização criamos trajetos que nos permitiram compor as vozes das nossas experiências no curso de escrita criativa.

Portanto, sentimos que a leitura em voz alta foi de muito aprendizado, pois nos colocamos diante de mudanças de posturas frente às escritas, exigindo adequações na fala e na escrita, bem como na utilização de expressões corporais. Para Maturana (1999, 1997), esses processos aparecem como resultado de expressões corporais que apontam para a esfera das ações. Essas ações de leitura demonstraram para nós a maneira do outro apresentar-se no texto e também de nos percebermos na busca por compreendê-lo de acordo com o domínio da nossa linguagem corporal.

## ENCONTROS DA ORALIDADE

Para narrar nossas experiências, tomamos como referências as palavras que produziram sentidos para nós mesmos e que nos identificaram durante os encontros da escrita criativa.

Destacamos assim, a experiência da professora **AMIZADE** vivenciada no curso de escrita criativa em que a oralidade era sempre a primeira tarefa presente. O primeiro encontro do nosso curso tinha por objetivo nos conhecermos melhor. Uma das atividades era a apresentação oral da escolha de um objeto de apego em nossas casas. Logo em seguida tivemos que apresentar o objeto, expressando através da

narrativa em voz alta o objeto escolhido que simbolizava amizade que consideramos de muita grandeza pois somos marcados por momentos, por pessoas que ficam em nossas vidas.

No segundo momento tínhamos que oralizar o que estávamos vendo em uma imagem pela qual nos aproximamos com relação às percepções das colegas e também nos distanciamentos em algumas relações.

No terceiro encontro fomos apresentadas à oralidade da poesia em que recitamos as nossas próprias elaborações poéticas. Assim, fizemos a rima, realizamos novamente a leitura em voz alta, declamamos cuidadosamente os verbos mais adequados para cada período, como se reproduzissem o tom da voz para os grandes auditórios, procurando um estilo escadinha de organizar os versos que fazia com que aquele típico vozeirão estivesse nos grandes teatros, explanando para milhares de pessoas de uma única vez.

No quarto encontro apresentamos as narrativas referente ao vídeo: o *caffé sospeso*. Expressamos oralmente a nossa interpretação sobre o vídeo, uma outra arte, que muitas vezes nos modifica ao assistirmos e interpretarmos de maneira oral para o grupo, demonstrando nossas percepções.

Para essa professora fica o registro da grandeza da oralidade. A leitura em voz alta, ou até mesmo a leitura em silêncio que é também oral, pois a lembrança do som não desaparece amplia os laços de amizade entre aqueles que dela participam. A interpretação oral tem suas próprias leis, precisando subverter aspectos não orais. E, assim, são todos os encontros e situações proporcionadas de maneiras diferentes em que cada timbre, cada tom de voz alta e de cada voz humana em particular oportuniza aprendizagem.

Para a professora **ESPIRITUALIDADE**, a experiência no curso de escrita criativa começa a ser sentida com a palavra escolhida por ela, pela qual a professora é identificada: espiritualidade. A palavra se relaciona com o seu objeto de afeto. Uma escultura representativa da sua religiosidade. Contudo, o objeto não era uma simples escolha e trazia as marcas da sua personalidade contornada pelos afetos.



Nos encontros emergiram novas possibilidades de inventar-se “sendo estrangeira em um novo território” (ROOS, 2014,p.48) pois aí há vidas que se formam e se transformam com outras vidas.

Quem sabe estas vidas não escolheram se encontrar mas foram escolhidas por estes encontros, como destaca Garcia (2018), tornando as singularidades, neste sentido, plurais, nos ecos das diferentes vozes, gestos, olhares e até mesmo no silêncio dos mesmos. Sendo assim, a espiritualidade deixou-se ser afetada por outros afetos que movimentaram a ação e o pensamento. Permitiu-se ser fluxo percorrendo diferentes percursos, expressando diferentes modos de pensar, deixou-se ser tocada para compartilhar as suas experiências.

A professora VIDA, destaca que a sua escrita, da forma como vinha acontecendo, linear e fechada, já não atendia mais às exigências de pesquisas ancoradas no paradigma da complexidade. Além disso, entende que ao linguajar-se, tocamos-nos uns aos outros, mobilizamos emoções, despertamos nossa atenção mútua mediante gestos e inspirações, orientando reciprocamente nossos comportamentos e, por conseguinte, nossa cognição (MATURANA; VARELA, 1995). A função da linguagem é orientar o organismo sendo orientado dentro de seu próprio domínio cognitivo, e não apontar para entidades independentes”

Foi a partir dessas experiências que nos permitimos ouvir as nossas vozes. E, ao fazermos isso, escrevemos nossos modos de ser, escutar a si mesmos e aos outros, para podermos encontrar e sermos encontrados por diferentes narrativas de vidas, com as suas vozes, pensamentos e relações.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada no presente estudo foi de caráter qualitativo, envolvendo a oralidade através de narrativas. Segundo Minayo (2001, p. 21), a abordagem qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das

relações, dos processos e dos fenômenos”. Ao trazermos as narrativas que é um termo, com significado de “falas” ou “interações” que emergem das vozes das professoras, enfatizamos o caráter constitutivo dos sentidos como o de ouvir, de olhar e de escrever. A intenção foi trilharmos nossas compreensões por essas experiências a fim de que possamos produzir diferentes sentidos para a docência. Partimos da hipótese de que essas narrativas são e funcionam como provocações, como convites para adentrarmos em uma realidade reconstruída que aporta novos saberes para além dos já vividos, sendo que poderão ser recontadas como as histórias e experiências de cada um/a de nós em um determinado momento.

As narrativas foram produzidas durante os encontros que aconteceram virtualmente pelo *google meet*, fazendo uma relação às experiências vivenciadas. Enquanto pesquisadores/as que norteiam nosso trabalho utilizando como método as narrativas, passamos a fazer parte do processo e isso se tornou um desafio, pois ouvimos as nossas vozes com profundidade, como sujeitos implicados em nossas próprias histórias, fazendo parte da trama de significações que foi criada. Segundo Meyer & Paraíso (2012, p. 25), através das narrativas torna-se possível “pesquisar em educação sem um método previamente definido a seguir”.

O curso de escrita criativa, como estratégia organizadora de nossos encontros e portanto dos encontros de nossas vozes, foi fundamental para nossa aprendizagem como uma ação auto-eco-organizativa (MORIN, 2007), que expressa uma maneira de pensar o devir humano e o mundo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na vida nada é linear, nada está pronto e acabado, tudo está em constante construção. Por isso que ao adentrar aos resultados da discussão até o momento, tomamos como ponto de partida as narrativas para responder ao problema deste

estudo, sinalizando as experiências das vozes das professoras no curso de escrita criativa que contribuíram para (re)invenção de si.

Ao apresentar os resultados que fomentaram esta escrita, nos referimos à citação de Larrosa (2002, p.21), no sentido de que somos e nos constituímos na e por palavras. Entendemos que a oralidade das palavras aqui escritas pode produzir sentidos e realidades outras, afetando os sujeitos, provocando reinvenções.

Através das nossas vozes identificamos a potência dos discursos no entrelaçamento do emocionar e do linguajar bem como, as aproximações e distanciamentos de nossas narrativas, com diferentes percepções, por vozes, gritos audíveis, engasgadas, caladas, entre a leitura e a oratória, voltadas para área da Educação e o trabalho docente, estabelecendo um diálogo entre os protagonistas da pesquisa.

## CONCLUSÃO

Os encontros nos possibilitaram práticas cuidadosas de si, pois ao estar no grupo não deixamos de olhar para nós, tendo como referência as contribuições e interações de cada encontro. Por isso, as narrativas foram interpelativas, sinalizando modos de ser, de se expressar e de se relacionar com os outros, a partir das relações consigo mesmo. Assim, a oralidade poderá estar corporificada nos gestos, expressões e palavras. A oralidade expressa sinais dos modos de vida, marcas de personalidades e profissionalizações.

Com isso, as reinvenções aconteceram no fluir de nossas ações, que são mudanças estruturais e acontecem a partir da dinâmica interna nas interações que emergiram com o meio. A partir disso, tudo o que nos perturba tenciona e nos causa transformações. Então, nos reinventamos. Por isso, trazer reflexões sobre as experiências da oralidade a partir das narrativas de si, neste curso, contribuiu

para despertar ainda mais a escrita criativa, diferentemente do que vínhamos escrevendo. A partir dessas vivências, entendemos que o pesquisador é parte integrante de seu texto. Ao trazer as narrativas de si, reverberam a nossa essência e convicção de que somos seres em constantes transformações.

Nesse sentido, segundo Maturana e Varela (1995), a função da linguagem é orientar o organismo dentro de seu próprio domínio cognitivo, e não apontar para entidades independentes (MATURANA; VARELA, 1980, p. 30). Desse modo, conforme a teoria autopoietica, a cognição e a linguagem estão imbricadas uma à outra.

Portanto, como possibilidade de escrita, ramos que o poético no sentido criativo, do inventivo, assim como a poesia está em todos os lugares e em todos os momentos de nossas vidas. Ao linguajar-se, tocamos-nos uns aos outros, mobilizamos emoções, despertamos nossa atenção mútua mediante gestos e inspirações, orientando reciprocamente nossos comportamentos e, por conseguinte, nossa cognição.

## REFERÊNCIAS

ATLAN, Henri. **Entre o cristal e a fumaça**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

HERNANDEZ, Miguel. **Los diez poemas imprescindibles de Miguel Hernández**. Por: Barcelona Iara Gomez Ruiz. Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/cultura/20170328/42364271198/imprescindibles-poemas-miguel-hernandez.html>. Acesso em 28 de março de 2017.

BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Formação de professores em tempos de incertezas: Imaginários, Narrativas e Processos autoformadores**. Jundiaí: Paco Editorial. 2017.

JEAN, Georges. **A leitura em voz alta**. Editora: Instituto piaget. 2011.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista brasileira de educação*. jan. fev. mar. abril. n. 19, 2002.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto. **Transformación em la convivência**. Santiago: Dólmén Ediciones, 1999.

MATURANA R., Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Psy II, 1995.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **Autopoiesis and cognition**. The realization of the living. Boston: D. Reidel Publishing Company, 1980.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

ROOS, Maria da Glória Munhoz. **Alegria de uma docência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.

VARELA, Francisco; THOMSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **The embodied mind: cognitive science and human experience**. Cambridge: The MIT Press, 1993.